

DIALOGANDO CULTURAS: AÇÕES INTERDISCIPLINARES SOBRE ASPECTOS CULTURAIS, EM FORMA DE DANÇA, DA FESTA DE IEMANJÁ DO MUNICÍPIO DO RIO GRANDE/RS

Rodrigo Lemos Soares¹
Andressa Soares de Àvila²
Danielle Soares Jesus³
Lucas Pedroso Xavier⁴
Tamara Lemos da Rosa⁵
Flaviana Custódio Silvino⁶
Juliana Carvalho Cabral⁷

DIALOGUING CULTURES:
INTERDISCIPLINARY ACTIONS ON CULTURAL ASPECTS IN DANCE
WAY, THE IEMANJÁ PARTY OF RIO GRANDE COUNTY / RS

Resumo

O presente estudo refere-se a olhares sobre um trabalho de extensão vinculado a experiências de orientação e docência na Universidade Federal do Rio Grande. O objetivo do trabalho e agora escrita refere-se a diálogos com o componente curricular Culturas do Movimento Humano II, na qual foi proposto aos discentes que buscassem um tema cultural do município do Rio Grande para desenvolvermos dinâmicas extensionistas (oficinas, palestras, cursos), em prol de discussões e debates sobre acontecimentos que forjam parte das culturas e identidades do município do Rio Grande/RS. Das temáticas apresentadas pelo grupo o destaque foi sobre as danças afro, vinculadas ao evento religioso Festa de Iemanjá realizada na cidade do Rio Grande/RS. Como processos metodológicos dividimos o grupo para que fossemos visitar centros religiosos de matriz africana, bem como, realizamos uma vigília durante a festa de Iemanjá do ano de 2016, visitando os terreiros que lá estavam, entrevistamos os responsáveis pelas instituições e realizamos apontamentos em diários de campo. Após dois meses de visitas e encerrada a Festa de Iemanjá marcamos uma reunião para debatermos nossas aprendizagens. Nas análises, as danças aparecem como parte dos ritos e são ensinadas pela oralização, a partir das mitologias das entidades que chegavam a cada terreiro. Além disso, depende do tempo de desenvolvimento de cada médium. Percebemos também diferentes transposições, implantações e adequações nos terreiros, estabelecendo assim, um complexo cultural que, também, se expressa através de associações religiosas, nas quais, as danças, seus artefatos e manifestações se mantêm e, por ora se renovam.

Palavras chave: Educação Física; Danças; Culturas.

Abstract

This study refers to looks for an extension of work linked to guidance and teaching experience at the Federal University of Rio Grande. The objective and writing now refers to dialogue with the curriculum component Cultures of Human Movement II, which was offered to students who seek a cultural theme of the Rio Grande in the municipality to develop dynamic extension (workshops, lectures, courses) in favor of discussions and debates about events that shape of the cultures and identities of Rio Grande / RS. The themes presented by the group was featured on the african dances, linked to the religious event Feast of Yemanjá held in the city of Rio Grande / RS. As methodological processes divide the group so we were visiting religious centers of African origin, as well as perform a vigil during Yemanjá party of the year 2016, visitando the yards that were there, we interviewed xs responsible for institutions and carry out notes in diaries field. After two months of visits and closed the Yemanjá Party scheduled a meeting to discuss our learning. In the analyzes, the dances appear as part of the rites and are taught by oralization, from the mythologies of the bodies that arrived every yard. Moreover, it depends on the development time of each medium. We also see different transpositions, implementations and adjustments in the yards, thus establishing a cultural complex that also is expressed through religious associations in which the dances, their artifacts and demonstrations remains and for now are renewed.

Keywords: Physical Education; dances; cultures.

¹ Discente do Mestrado Profissional em História da Universidade Federal do Rio Grande.
E-mail: guidodanca@hotmail.com

² Graduada do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande .
E-mail: dessahzsoares@hotmail.com

³ Graduada em Arqueologia pela Universidade Federal do Rio Grande.
Graduada em Artes Visuais.
E-mail: daniellesoaresjessus@gmail.com

⁴ Graduado em Fisioterapia pela Anhanguera Educacional do Rio Grande. Graduando do curso de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande.
E-mail: lukkas_rg@hotmail.com

⁵ Graduada do curso de Psicologia pela Anhanguera Educacional do Rio Grande.
E-mail: tamara_lemos@yahoo.com.br

⁶ Graduada do curso de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande.
E-mail: flaviana_silvino@hotmail.com

⁷ Graduada em Administração.
Graduada do curso de Educação Física pela Universidade Federal do Rio Grande.
E-mail: juliana.carvalho.cabral@hotmail.com

Situando o Terreno e o Terreiro...

O artigo que segue refere-se ao recorte sobre um trabalho de um componente curricular do curso de Educação Física – licenciatura, vinculado a experiências de orientação e docência nos diferentes cursos em que atuei¹ enquanto substituto na Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Participaram da produção do texto discentes das licenciaturas em Artes Visuais, Educação Física e Pedagogia, da instituição acima citada e uma discente do curso de Psicologia (bacharelado) da Anhanguera Educacional do Rio Grande.

O curso no qual estava vinculado é o de Educação Física – licenciatura o qual percebo permeado por múltiplos atravessamentos, dentre eles, a Cultura Corporal de Movimento e as Corporeidades. O objetivo que propus ao grupo era o de produzir diálogos entre o componente curricular Culturas do Movimento Humano II² e a cidade. Solicitei aos discentes que buscassem um tema cultural do município do Rio Grande, Rio Grande do Sul para desenvolvermos dinâmicas extensionistas (oficinas, palestras, cursos e produção de textos), em prol de discussões e debates sobre acontecimentos que forjam parte das culturas e identidades do mesmo. Das temáticas indicadas e apresentadas pelo grupo o presente recorte é sobre as danças, vinculadas ao evento religioso Festa de Iemanjá realizada no Balneário Cassino, na cidade acima citada.

Logo, no ingresso na Universidade Federal do Rio Grande, como docente substituto senti a necessidade de estimular os discentes a operarem com temáticas que envolvessem as culturas locais em seus estudos e projetos/ planos de aula. Deparei-me com inúmeras possibilidades para entender a pluralidade dos corpos e culturas voltados a diferentes campos e saberes³. Expostos estes impulsos iniciais, busquei articular os espaços conforme preconiza a regulamentação desta instituição, operando um projeto cultural com base no tripé – ensino, pesquisa e extensão.

Assim, o objetivo geral deste artigo é o de dialogar o componente curricular Culturas do Movimento Humano II, a um tema cultural do município do Rio Grande para que seja desenvolvido dinâmicas extensionistas, em prol de debates sobre acontecimentos que forjam parte das culturas e identidades desta cidade. Outro rastro de intenção do projeto esta em ver os corpos como “[...] memória mutante das leis e dos códigos de cada cultura, registro das soluções e dos limites científicos e tecnológicos de

¹ A escrita em primeira pessoa do singular, neste momento do texto, refere-se ao percurso de organização da proposta pedagógica que gerou este artigo.

² O componente curricular Culturas do Movimento Humano II é ofertado no terceiro semestre do curso de Educação Física – licenciatura da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). As outras licenciaturas mencionadas e o curso de Psicologia chegaram a este trabalho por intermédio de redes de amizades, por interesse das discentes em participar conosco da produção do mesmo.

³ Assumo uma noção de saberes embasado em Michel Foucault (2013). Segundo o autor: “Um saber é aquilo de que podemos falar em uma prática discursiva que se encontra assim especificada: o domínio constituído pelos diferentes objetos que irão adquirir ou não um status científico; um saber é, também, o espaço em que o sujeito pode tomar posição para falar dos objetos de que se ocupa em seu discurso; um saber é também o campo de coordenação e de subordinação dos enunciados em que os conceitos aparecem, se definem, se aplicam e se transformam [...]; finalmente, um saber se define por possibilidades de utilização e de apropriação oferecidas pelo discurso” (FOUCAULT, 2013, p. 219-220).

cada época, o corpo não cessa de ser fabricado ao longo do tempo” (SANT`ANNA, 1995, p. 12).

Abrindo os Trabalhos⁴...

Este trabalho foi delimitado pelo campo dos Estudos Culturais em sua vertente pós-estruturalista. Enquanto características, os Estudos Culturais podem ser entendidos como um campo de teorização e investigação que se utiliza de diversas disciplinas para estudar os processos de produção cultural da sociedade “[...] preocupados com questões que se situam na conexão entre cultura, significação, identidade e poder” (SILVA, 2005).

Seguindo este caminho, Tomáz Tadeu da Silva (2005) descreve que, o pós-estruturalismo pode ser entendido como “uma continuidade e, ao mesmo tempo, como uma transformação relativamente ao estruturalismo” (2005, p.118). Essa vertente concebe a linguagem enquanto um sistema de significação. O Pós-estruturalismo apresenta deslocamentos em relação ao estruturalismo, no que diz respeito à “passagem de uma noção de fixidez e rigidez da significação para outra na qual a linguagem é fluida, contingente e instável” (SILVA, 2005, p.119). Além disso, o autor “compreende a linguagem como uma ferramenta não neutra” (SILVA, 2005, p. 120). Somado a estas afirmativas Silva (2005) argumenta que, nesta perspectiva, “não existe sujeito a não ser como simples e puro resultado de um processo de produção cultural e social”.

Embasados(as) no campo teórico dos Estudos Culturais e sua vertente pós, buscamos entender as pedagogias, pensando-as enquanto processos sociais que ensinam, que estão implicados na produção e interlocução de significados atribuídos a um determinado grupo e/ou contexto. Complementamos esse pensamento com as discussões produzidas, sobre “saberes sujeitados” (FOUCAULT, 2005, p. 11) isto é, que estão a nossa volta, que foram construídos há longa data, mas que são ocultados, desqualificados e que por vezes, não entram na ordem do dizível, mas podem apresentar-se como uma potente ferramenta para/de discussão.

Entendemos que esse debate, por sua vez, pode ser enfrentado através dos Estudos Culturais, sob o ponto de vista metodológico, no que concerne ao estudo de populações urbanas e dos chamados grupos ditos minoritários. Enfatizamos aqui o papel das vertentes religiosas como veiculadoras de pedagogias culturais, a partir do momento que ensinam sobre comportamentos, produzindo, assim, subjetividades, identidades e saberes. Segundo Steinberg e Kincheloe (2001) as pedagogias culturais supõem que a educação ocorra “numa variedade de áreas sociais, incluindo, mas não se limitando à escolar [...]” (2001, p.14).

⁴ A partir deste momento a escrita está situada no coletivo que produziu a mesma, assim recorremos a primeira pessoa do plural para seguirmos com a redação do artigo.

Articulamos a estes pensamentos a ideia de Marcos Garcia Neira (2009), ao expor que ao trabalharmos as danças necessitamos realizar um estudo sobre as mesmas, a fim de não banalizarmos as culturas envolvidas neste processo. Sendo assim, por meio das vivências e debates, buscamos a produção de aprendizados que contemplassem recortes históricos e signos de gestos dos(as) orixás, direcionando estes saberes a diferentes ritmos e corpos. Esse processo foi preconizado no planejamento da Educação Física e Educação Artística, como preveem os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) (BRASIL, 1997 a - b). Outro aporte utilizado foi o Guia Básico de Educação Patrimonial (HORTA, GRUNBERG e MONTEIRO, 1999) no qual, resumidamente, os processos contidos na obra indicam que após definir-se o objeto de estudo, no caso, as danças afro religiosas, o(a) educador(a) necessita seguir quatro momentos para o conhecimento de um bem cultural, sendo eles: a observação, o registro, a exploração e apropriação.

Nesse intuito, deixei que produzissem movimentos, a partir do que havíamos estudado e das questões pertinentes às experiências vividas por nós, nos locais que visitamos. Segundo Sborquia e Neira (2008) compete ao(a) professor(a) proporcionar diferentes experiências, ao trabalhar com contextos histórico-culturais específicos, dentre eles as danças populares e folclóricas. Ainda, estes autores indicam que a viabilização de práticas com as danças precisam apropriar-se do universo cultural envolvido, seja ele próximo e/ou afastado dos(as) discentes/ dançantes/ comunidade em geral.

Partimos da ideia de que os corpos e as culturas eram um dos pontos de interseção entre os diferentes cursos envolvidos no trabalho e que essa questão estaria inscrita na nossa identidade extensionista. Conseguimos minimamente mapear alguns saberes sobre os corpos e movimentos, posterior a isso, realizamos um aprofundamento em uma cultura de dança afro religiosa e buscamos uma possível ampliação dos saberes dos(as) participantes do grupo sobre os(as) orixás, suas mitologias, lendas e movimentações. Por último, realizamos uma leitura dos aprendizados, o que nos proporcionou dançarmos, aos sons, ritmos e culturas dessas matrizes afro religiosas. Reiteramos que realizar este levantamento foi nosso ponto de partida para consolidação dos planos de ensino e denominamos este fazer de diagnóstico de comunidade, sendo a porta aberta para planejarmos as outras etapas, ou seja, as oficinas.

Sobre a Festa de Iemanjá...

O aporte cultural escolhido, a festa de Iemanjá⁵ é um evento de cunho religioso, fixo no calendário festivo cultural do município do Rio Grande – RS, coordenada pela

⁵ Consta que, na data de 1º de fevereiro de 1963, o então vereador de Rio Grande, João Paulo Araújo organizou a primeira festa dedicada a Iemanjá, na praia do Cassino, em Rio Grande – RS. No ano de 2016, foi realizada a 39ª edição da mesma. Para mais ver: Blog Festa de Iemanjá na Praia do Cassino, Rio Grande - RS - Brasil. Disponível em: <<http://festeiemanja.blogspot.com.br/>> Acesso em: 22/10/2016.

União Riograndina de Cultos Umbandistas e Afro-brasileiros Mãe Iemanjá (URUMI) na pessoa do babalorixá⁶ Pai Nilo de Xangô e que conta com público de diferentes regiões e religiões. Demarcamos que a escolha dessa festividade ocorreu por conta das nossas conversas iniciais em sala fator este que nos conduziu a dois conceitos que se mostraram basilares para os(as) participantes e produção desta pesquisa, a saber estudos sobre memórias e experiências, entendidos por nós como constituintes das nossas identidades e deste evento.

Produzimos estes pensamentos utilizando-nos de uma passagem de Connelly e Clandinin (1995, p. 11) ao exporem que, “[...] nós - os seres humanos - somos organismos contadores de histórias, organismos que, individual e socialmente, vivemos vidas relatadas”. Indicamos este escrito por percebermos que o campo dos Estudos Culturais são de grande auxílio no percurso da formação de professores e das pesquisas, em geral, ainda mais quando narramos histórias dos sujeitos – e porque não dizer, das nossas? - de particularidades em relação às práticas culturais, sobre corpos e suas/nossas provisoriidades.

Referente às memórias nos aliamos a Jorge Larrosa (2004) quando o autor expõe que a consciência de si no presente é uma ciência, um saber de quem somos em determinado momento de nossas vidas, especificamente naquele em que falamos, narramos nossas histórias, enfatizando a temporalidade da narração em atividades no uso de memórias. Segundo o autor “[...] a memória tem a forma de uma narração desde um ponto passado até o presente em função de um ponto de vista que se faz significativo” (Ibid., p. 16).

Compartilhamos da expressão do autor por entendermos que os sujeitos, ao fazerem uso de suas memórias, podem forjar outros marcadores e discursos, pois, narrar às experiências de si “[...] não é algo que se produza em um solilóquio, em um diálogo íntimo do eu consigo mesmo, mas em um diálogo entre narrativas, entre textos” (LARROSA, 1994, p. 70). E por este motivo, em específico, recorreremos as nossas memórias para compor esta proposta e suas extensões já que elas são interpeladas pelos comportamentos e ações das pessoas que frequentaram conosco os diferentes espaços que frequentamos, neste caso, os religiosos.

Direcionado as experiências também nos pautamos em Jorge Larrosa (2002). Para o autor:

[...] a experiência é "o que nos acontece" e não "o que acontece" e o saber da experiência, os sentidos que damos a este acontecido em nós. Então, saberes da experiência não poderiam ser vinculados a conhecimentos e verdades universais e únicas: "Trata-se de um saber finito, ligado à experiência de um indivíduo ou de uma comunidade humana particular [...], por isso, o saber da experiência é um saber particular, subjetivo, relativo, contingente e pessoal" (LARROSA, 2002. p.27).

⁶ Pode ser chamado de Pai – de Santo: em suma é um chefe espiritual e administrador de uma casa de religião ou centro espírita cuja matriz religiosa seja o africanismo (Umbanda· Quimbanda· Batuque· Candomblé· entre outros) responsável pelo culto aos orixás · candomblezeiro·

Estamos imersos(as) nos acontecimentos que marcaram de algum modo nossas vidas. Chegamos a este conceito ao percebermos que nossas vidas possuíam um ponto comum, ou seja, a religiosidade. Entendemos que na atualização de si e do mundo os seres humanos compõem caminhos (e tornam-se outros com o passar do tempo), através de trajetórias edificadas nas histórias de vida que, no encontro com outras experiências, permitem lançar luzes a modos de interpretarmos o passado tomado no distanciamento com o (in) vivível (as memórias não são compostas apenas do que vivemos, mas do que não vivemos, do que poderíamos ter vivido, do (in) vivível).

Desenvolvendo e aprendendo as giras...

Dividimos o grupo para que cada um(a) fosse visitar um Centro Espírita de Umbanda (CEU) e realizamos duas vistas em cada em diferentes momentos no primeiro semestre de 2016. Ainda seestrosos(as) fomos a campo, encorajados(as) por um ímpeto de manifestação e de afirmação de uma identidade religiosa. Realizamos uma vigília durante a festa de lemanjá do ano de 2016, visitando os terreiros que lá estavam e apontamos as ocorrências em diários de campo (BOGDAN; BIKLEN, 1994). Após dois meses de visitas e encerrada a Festa de lemanjá marcamos uma reunião para debatermos nossas aprendizagens.

Percebemos diferentes transposições, implantações e adequações nos terreiros, estabelecendo assim, um complexo cultural que, também, se expressa através de associações religiosas, nas quais, as danças, seus artefatos e manifestações se mantém e, por ora se renovam. Estes olhares foram possíveis e organizados, a partir da Análise Cultural (WORTMANN, 2007). As análises culturais envolvem um campo investigativo amplo. No caso deste artigo, elas estão caracterizadas pelas inserções em diferentes cenários de saber, bem como metodologias que foram conectadas, em bricolagens para discutirmos os dados que compõem este texto. Ressaltamos que todas as análises partilharam do comprometimento em examinar as praticas culturais dos(as) participantes, do ponto de vista dos seus envolvimento com, e no interior de, relações de poder, que por sua vez, indicaram-nos noções sobre saberes e fazeres, relacionados as religiosidades e as danças como produção de identidades correlatas ao saber/ noção de sujeitos religiosos.

Os passos de operação com a Análise Cultural foram os seguintes: 1. Cada participante do grupo apresentou os dados registrados em seus diários de campo; 2. Realizada a leitura coletiva marcamos em nossos diários as recorrências e os escapes; 3. Agrupamos as palavras com maior incidência; 4. Produzimos arquivos em word, nos quais agrupamos os dados recorrentes e em outros arquivos, de mesmo formado, apon-

⁷ Para Tomáz Tadeu da Silva (2000, p. 96) [...] nossa identidade: assim: não é uma essência: não é um dado: não é fixa: não é estável: nem centrada: nem unificada: nem homogênea: nem definitiva: É instável: contraditória: fragmentada: inconsistente: inacabada: É uma construção: um efeito: um processo de produção: uma relação: um ato performativo.

apontamos os escapes; 5. Utilizamos os arquivos com as recorrências e os escapes para produção das categorias; 6. Dos materiais produzidos, para este artigo, chegamos a duas categorias, as quais nomeamos: saberes em dança religiosa e cultura popular e religiosidades. Posterior a estes momentos, ainda recorrendo aos dados dos diários de campo, produzimos uma oficina que envolve mitologias e movimentações dos(as) Orixás utilizando-nos de referenciais como Prandi (2001) e Sàlámì (1990). Ademais, recorreremos ao estudo de Cascudo (2012) tendo em vista, a necessidade que encontramos de discutir sobre culturas populares e folclore.

Na oficina preconizamos um trabalho de condicionamento físico, seguido de jogos rítmicos, bem como de dinâmicas sobre expressão corporal, improvisação e contato. Iniciamos nossos encontros questionando sobre o que os(as) participantes sabem/ conhecem de dança-afro religiosa, se já frequentaram centros espíritas de Umbanda, Quimbanda, Candomblé ou outros de matrizes africanas. A mesma ficou organizada em dois momentos, subdividida em uma escala dos(as) orixás, conforme nos foi repassado nos CEUs visitados. Na fase inicial apresentamos os aprendizados e saberes sobre: Oxalá, Iemanjá, Bará, Oxúm, Ogum, Obá. Já, na segunda trabalhamos com: Xangô, Iansã, Odé, Otím, Xapanã, Ossanhê.

Em cada uma das fases discutimos um pouco sobre a mitologia desses(as) deuses(as) africanos(as). Em seguida, partimos para as movimentações específicas de cada um(a), utilizando-nos de descritores sobre arquétipos e adereços/ armas que cada orixá apresenta em sua mitologia. Depois estimulamos os(as) participantes a construir suas visões sobre os(as) orixás, a partir do que havíamos estudado, discutido e vivenciado.

Para este artigo, discutiremos os dados produzidos na vigília a Festa de Iemanjá de 2016, tendo em vista, que o material referente às visitas aos terreiros geraram outro artigo. Desse modo, apresentamos, a partir deste momento relatos sobre as observações no momento da vigília, bem como, alguns oriundos de diálogos com representantes dos CEUs presentes na festividade.

O Dançado e o Apreendido: entre as Saias e Capas em Diálogo nas Visitas aos CEUs e Oficinas...

Após termos nos reunido para apresentarmos nossos dados produzidos e olhares sobre a Festa de Iemanjá e, também, dos Centros Espíritas de Umbanda visitados, recorreremos à análise cultural (WORTMANN, 2007) para pensarmos a produção deste texto. Esta metodologia preconiza a formação de categorias para posterior analisarmos as escrituras dos diários de campo, neste caso, alicerçadas em uma noção de relações de poder. Sobre este ponto Foucault (1997, p. 91) aponta que “[...] lá onde há poder há resistência [...] A qual poderá permitir encontrar elementos acerca das

relações de poder, resistência e de verdade na educação”. Nesse sentido, compreendemos que os estudos foucaultianos permitem não reproduzir e naturalizar os fatos históricos referentes às religiões afro, mas evidenciar as articulações e jogos de poder para chegarmos a sermos aquilo que somos, a ver as coisas que vemos e questionar as respostas que nos foram dadas.

Reiteramos que das narrativas escritas nos diários de campo chegamos a duas categorias, são elas: saberes em dança religiosa e cultura popular e religiosidades. Sobre a primeira categoria, saberes em dança religiosa, vejamos os dados abaixo:

[...] as danças daqui não são iguais as que a gente vê na rua, elas representam algo específico, as nossas histórias, nossa religião, nosso jeito de fazer as coisas, são nossos saberes [...]⁸ (DIÁRIO DE CAMPO 01 - 01/02/2016).

[...] as danças dos orixás sempre contam as histórias deles, não existe orixá que não movimente o corpo do cavalo para contar quem ele é (o orixá), os cavalos⁹ são a materialização dos orixás e as danças são as histórias deles (dos orixás) [...] (DIÁRIO DE CAMPO 02 - 01/02/2016).

[...] aqui a gente dança o povo, as características religiosas de um povo são os nossos jeitos de ser e viver nossas culturas e religiões é o povo se manifestando [...] (DIÁRIO DE CAMPO 03 - 01/02/2016)

[...] dançar aqui, significa firmar o pé na religião, significa entregar-se ao seu orixá ou outra entidade. Tu precisa estar pronto e firme para receber as energias deles (dos orixás) tem a ver com sensibilidade, tu precisa sentir as energias [...] (DIÁRIO DE CAMPO 04 - 01/02/2016).

Os sujeitos dos CEUs estabelecem uma diferença, inicial, entre as danças deles e as “da rua”. Apontam que as danças remetem às histórias das religiões de matrizes africanas, ao mesmo tempo, em que demarcam uma noção de singularidade dos fazeres em dança. Outro ponto atentado é o da necessidade “dos cavalos” para que os orixás assumam uma materialidade, que através das danças conte as histórias destes seres.

Além disso, reiteram que as danças representam o povo, o popular, as culturas e religiões deste grupo. As danças são entendidas como narrativas do povo. E, complementam que a dança conecta os sujeitos religiosos com a religião, mas que, no entanto, elas requerem entrega, para que se represente tanto as entidades, como os orixás. Além disso, as danças possuem conexões com o sensível e para tanto recorremos a Sandra Pesavento (2004) ao expor que:

As sensibilidades seriam, pois, as formas pelas quais indivíduos e grupos se dão a perceber, comparecendo como um reduto de representação da realidade através das emoções e dos sentidos (PESAVENTO, 2004, p. 6).

⁸ Por uma questão de organização os excertos dos diários de campo estão colocados em quadros. A ordem dos mesmos é referente aos modos como olhamos os dados e realizamos as leituras coletivas.

⁹ Cavalo ou Cavalos são também designações dadas aos filhos(as) de santo das casas. Aquele(a) que recebe uma entidade ou orixá é chamado nos centros como cavalo.

Segundo nossas leituras, para a autora, as sensibilidades são incitadas pelos sentimentos e emoções. Tal fato foi recorrente nos diários de campo, pois, de todos os centros visitados e sujeitos com os quais conversamos apontaram existir alguma relação entre o mundo espiritual e o material que dependem das nossas sensibilidades. Nesse sentido as danças são acionadas para minimamente visualizarmos questões sensíveis dos sujeitos religiosos(as). Para tanto, recorreremos a Amaral (2009) ao escrever que,

Nos tempos mais remotos da história, já ficou registrado, por diversos autores, que os seres humanos dançavam. A dança era parte viva e funcional das comunidades, uma verdadeira reação e interação com o universo no qual se vivia. Ela surgiu com vários significados e formas, mas, principalmente, estava ligada ao sentido religioso. As pessoas dançavam em nascimentos, puberdade, casamentos, lutas, fertilidade, colheita e até em magia, tudo com sentido de rituais (AMARAL, 2009, p. 1).

A dança, por este viés, também pode ser entendida como uma atividade física que pode oportunizar respostas físicas e biopsicossociais aos sujeitos que fazem uso dessa prática. Para Judge (2003) a dança é uma forma benéfica de atividade física para a saúde. Para além da atividade física a dança é capaz de agir sobre as emoções dos sujeitos, ampliando suas relações interpessoais e sua sensação de pertencimento na sociedade em que habitam. Veras (1995) expõe que o alcance da autoestima pela dança é atingido pelo trabalho em grupo. Para isto nas oficinas visamos trabalhar tanto as expressões pessoais, como as corporais sociopolíticas culturais, construindo pontes entre a dança, a educação e a sociedade, assim como destaca Marques (2012).

A dança é uma manifestação corpórea que traduz as necessidades de cada um que dança. É uma comunicação não verbal do pensamento interno, por meio do corpo, uma manifestação do pensamento em movimento. E, ainda, é uma linguagem corporal que, por meio de movimentos, gestos e intenções vem comunicar uma ideia, sensação ou afeto, partindo-se de uma situação subjetiva (AMARAL, 2009 p. 5).

Assim, as danças, neste trabalho, implicam os fazeres culturais dos grupos religiosos visitados. Além de representarem aportes e comportamentos dos sujeitos envolvidos, forjam identidades e apontam caminhos para seguirmos pensando sobre a constituição, tanto da festa, quanto dos fieis e frequentadores da mesma. As danças, enquanto, linguagens permitiram-nos visualizar marcas sobre os saberes religiosos.

No que se refere à cultura popular e religiosidades apresentamos as seguintes narrativas:

[...] esta festa é a cara do povo, aqui encontramos diferentes pessoas manifestando sua fé de diferentes maneiras [...] (DIÁRIO DE CAMPO 01 – 01/02/2016).

[...] a Festa de Iemanjá sempre foi assim, uma festa para todos, para a população poder ver as coisas que fazemos [...] (DIÁRIO DE CAMPO 02 – 01/02/2016).

[...] o bom da festa é que tu enxerga o acesso das pessoas, elas passam curiosas pelos corredores, ficam olhando nos terreiros as nossas culturas [...] (DIÁRIO DE CAMPO 03 – 01/02/2016).

[...] a religião é uma manifestação popular, é uma forma de entender e aprender diferentes culturas [...] (DIÁRIO DE CAMPO 04 – 01/02/2016).

Segundo nossos apontamentos os sujeitos apontam que a festa possui um caráter popular, que permite diferentes manifestações de crenças. Outro ponto levantado foi o fato de que a festa ajuda na questão das visibilidades, acerca das práticas religiosas dos centros e terreiros lá presentes. Grifamos por último, as questões levantadas referentes às questões populares e culturas presentes nos momentos da festa. No que tange a Cultura popular, dialogamos com Vannucchi (1999) ao afirmar que esta pode ser entendida como,

[...] o conjunto de conhecimentos e práticas vivenciadas pelo povo, embora possam ser vividos e instrumentalizados pelas elites. Pense-se no candomblé, no carnaval, na feijoada, nos usos folclóricos, no jogo do bicho e na capoeira [...] Cultura popular simplesmente [é] o que é espontâneo, livre de cânones e de leis, tais como danças, crenças, ditos tradicionais [...] Tudo que acontece no país por tradição e que merece ser mantido e preservado imutável [...] Tudo que é saber do povo, de produção anônima ou coletiva (VANNUCCHI, 1999, p. 98).

A partir do exposto entendemos a cultura popular como uma forma das manifestações culturais. O conceito está ligado ao anonimato, aos grupos, às manifestações espontâneas, às questões relativas ao conceito de tradição e às oralidades. Conceituar cultura popular requer que estabeleçamos relações com o conceito de povo. O mesmo pode ser entendidos sob diferentes enfoques, considerando nestes caminhos noções de ideologia, política, sociedade e economia.

Tendo em vista os dados produzidos e da leitura acima citada, entendemos a cultura popular como fruto das “sabedorias orais [...] instinto de conservação para manter o patrimônio sem modificações sensíveis, uma vez assimilado,” (CASCUDO, 1983, p. 679). Segundo este mesmo autor, não existem culturas puras. Câmara Cascudo (1983) afirma que “não existe civilização original e isenta de interdependência” (CASCUDO, 1983, p. 429). Para ele,

A cultura popular é justamente resultado de todos esses resultados, fundidos pelos processos mais inexplicáveis ou claros, viajando através do mundo, obedientes aos apelos misteriosos que não mais podemos precisar. A cultura popular é o último índice de resistência e de conservação do nacional ante o universal que lhe é, entretanto, participante e perturbador (CASCUDO, 1983, p. 40).

De acordo com nossos dados, a cultura popular estava expressa nos saberes e fazeres daqueles terreiros. As danças estavam contemplando pontos de resistência e

alternância, tendo em vista, que em diferentes terreiros os fazeres eram diferentes, mas ainda assim, respondiam as manifestações culturais daqueles grupos. Além disso, a festa em si, representava uma ideia mais ampla do que analisamos sobre as danças, uma vez que, segundo os(as) participantes dos diálogos que tivemos afirmaram que a mesma possui caráter de permanências. Os saberes e práticas dos sujeitos religiosos atribuem, nesse sentido, às culturas populares um signo de continuidade, fator que para nós coloca-a como “[...] mantenedora do estado normal do seu povo quando sentida viva, sempre uma fórmula de produção”. (CASCUDO, 1983, p. 40).

Reginaldo Prandi (1995, p. 126) aponta que ao tratarmos das questões de identidades raciais e religiosas no Brasil requer que preocupemo-nos com o que diz respeito às condições socioculturais que, ainda hoje, afetam nossos modos de olhar as vidas dos(as) negros(as). Segundo o Museu Afro-Brasileiro os sujeitos pertencentes as vertentes religiosas de matriz africana são: “Demoníacos, criminosos, loucos: assim têm sido considerados os praticantes de religiões de matriz africana no Brasil, desde o início da colonização” (2006, p.10).

Por enquanto, as giras são para este lado...

Ao longo desse processo, aprendemos que os ensinamentos nos CEUs são permeados por recursos visuais (fotos, imagens – desenhos, mostra de vídeos on line e expressões corporais). Além disso, entendemos que as narrativas visuais (BURKE, 2004) estão na base a oralidade, que permeia as relações dos locais visitados. Acreditamos que deslocamos algumas verdades acerca de culturas religiosas e suas manifestações. Através da festa de Iemanjá buscamos marcas da ancestralidade de culturas negras em Rio Grande - RS. Embasados(as) nestes saberes, realizamos nossas imersões pautando-nos por questões de lutas, resistências, religiosidade, saberes e fazeres em forma de memórias. Assim, percebemos a indissociabilidade entre pesquisa, ensino e extensão partindo da interdisciplinaridade (JAPIASSÚ, 1999). Tal fator é por nós percebido pelo retorno das produções aos terreiros e roda de trocas a cada conversa.

Assim, grifamos que pensar a extensão pressupõe, antes de nada, uma pesquisa, que neste caso adveio não só de obras literárias, mas dos saberes populares (CASCUDO, 2012) e, ao mesmo tempo, foi o suporte para intervirmos em forma de ensino, registrando que este ponto foi, aos nossos olhares, de forma bidirecional. Não chegamos com saberes encerrados, nem nos CEUs, tampouco a Festa de Iemanjá e acreditamos que este foi o ponto que nos permitiu aprender em diferentes contextos.

Discutir construções sobre culturas afro constituiu-se como um dos pontos chave do nosso trabalho, por meio das memórias e experiências religiosas do grupo. Através das danças buscamos explicitar signos dos movimentos e das mitologias dos(as) orixás apresentados(as) nas oficinas. Buscamos, ao longo das nossas inter-

venções elucidar que as relações com este gênero de danças estão pautadas nos campos das linguagens, dentre elas, a corporal. Agir dessa forma, permitiu-nos desenvolver olhares sobre a etnia negra pensando sobre histórias e memória que nos constituíram, considerando aspectos relacionados à escravidão, diáspora e principalmente religião. Embasados nestes saberes, ensinado de forma oralizada que ocorrem nossas imersões nas danças afro-brasileiras, pautando-nos por questões de lutas, resistências, religiosidade, saberes e fazeres em forma de memória viva, por ora, traduzidos em movimento.

Referências

- AMARAL, J. **Das danças rituais ao Ballet Clássico**. Revista Ensaio Geral, Belém, v.1, n. 1, jan-jun, 2009. Disponível em: <http://revistaeletronica.ufpa.br/index.php/ensaio_geral/article/viewFile/95/25> Acesso em: 20/09/2016.
- BERNSTEIN, B. **Classes e pedagogia: visível e invisível**. Cadernos de Pesquisa, n. 49, 1984. p. 36-42.
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Artística**. Secretaria de educação Fundamental. Brasília: MEC/ SEF, 1997a.
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física**. Secretaria de educação Fundamental. Brasília: MEC/ SEF, 1997b.
- BOGDAN, R; BIKLEN S. **Investigação Qualitativa em Educação**. Porto: Porto Editora. 1994.
- BURKE, P. **Testemunha ocular: história e imagem**. [Trad.] SANTOS, V. M. X.; [Ver. Téc.] Daniel Aarão Reis Filho. Bauru: EDUSC, 2004.
- CASCUDO, L. C. **Civilização e cultura**. 2. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1983.
- CASCUDO, L. C. **Cultura popular e folclore**. In: Folclore do Brasil. São Paulo: Global. 2012.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1991.
- FOUCAULT, M. A. **Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.
- HORTA, M. L. P.; GRUNBERG, E.; MONTEIRO, A. Q. **Guia básico de Educação Patrimonial**. Brasília: IPHAN. Museu Imperial, 1999.
- JAPIASSU, H. **A questão da Interdisciplinaridade**. In: Cadernos de Metodologia e Técnicas de Pesquisa: Revista anual de metodologia de pesquisa, número especial – Questões Epistemológicas, 9,. Maringá: UEM, 1999.
- JUDGE, J. O. **Balance training to maintain mobility and prevent disability**. American Journal Preventive Medicine, v. 25, n. 3, Suppl. 2, p.150-156, 2003.
- LARROSA, J. B. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Revista Brasileira de Educação. Jan-Abr. n. 19., 2002. p. 20-28.

- MARQUES, I. A. **Dançando na escola**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2012.
- MUSEU AFRO-BRASILEIRO (MAFRO). Centro de Estudos Afro-orientais da Universidade Federal da Bahia. **Setor religiosidade afro-brasileira**. Projeto de Atuação Pedagógica e Capacitação de Jovens Monitores. Material do professor. Ano 2006. Disponível em: <[http://www.mafro.ceao.ufba.br/userfiles/files/Material%20do%20Professor%20-%20Afro Brasileiro.pdf](http://www.mafro.ceao.ufba.br/userfiles/files/Material%20do%20Professor%20-%20Afro%20Brasileiro.pdf)> Acesso em: 20/09/2016.
- NEIRA, M. G. **Educação Física, currículo e cultura**. Marcos Garcia Neira, Mário Luiz Ferrari Nunes. São Paulo: Phorte, 2009.
- PESAVENTO, S. J. **Sensibilidades no tempo, tempo das sensibilidades**. In: Revista Nuevo Mundo Mundos Nuevos, Paris, CERMA, 4., 2004. Disponível em: <<http://nuevomundo.revues.org/document229.html>> Acesso em: 20/09/2016.
- PRANDI, R. **Mitologia dos orixás**, São Paulo, Companhia das Letras, 2001.
- PRANDI, R. **Raça e Religião**. Novos Estudos CEBRAP, n. 42, julho de 1995, p. 113-129.
- SÀLÁMÌ, S. **A Mitologia dos Orixás Africanos: Coletânea de Àdùrà (Rezas), Ibá (Saudações), Oríkì (Evocações) e Orin (Cantigas) usados nos cultos aos orixás na África**. (Em iorubá com tradução para o português). v. 1: Sàngó/Xangô; Oya/lansã; Osun/Oxum e Obà/Obá. São Paulo: Oduduwa, 1990.
- SANT'ANNA, D. **Apresentação**. In: **Políticas do corpo**. SANT'ANNA, Denise [Org.]. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.
- SBORQUIA, S. P.; NEIRA, M. G. **As danças folclóricas e populares no currículo de Educação Física: possibilidades e desafios**. Motrivivência (Florianópolis), v. 31, p. 79-98, 2008.
- SILVA, T. T. da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005, p. 111-124.
- SILVA, T. T. da. **A produção social da identidade e da diferença**. In: SILVA, T. T. da. [Org.]. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 73-102.
- STEINBERG, S.; KINCHELOE, J. L. [Orgs.] **Cultura infantil: a construção corporativa da infância**. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2001.
- URUMI – **União Rio-grandina de cultos Afro-Brasileiros Mãe Iemanjá**. Disponível em: <<http://www.riogrande.rs.gov.br/pagina/index.php/noticias/detalhes+a6660e,,prefeitura-e-urumi-anunciam-detalhes-da-festa-de-iemanja.html#.WlIgrVMrLIU>>. Acesso em: 13/09/2016.
- VANNUCCHI, A. **Cultura brasileira: o que é, como se faz**. São Paulo: Loyola, 1999.
- VERAS, R. P. **Terceira idade: um envelhecimento digno para o cidadão do futuro**. Rio de Janeiro: Unati, 1995.
- WORTMANN, M. L. C. **Ensaio em Estudos Culturais, Educação e Ciência. A produção cultural do corpo, da natureza, da ciência e da tecnologia - instâncias e práticas contemporâneas**. 1. ed. Porto Alegre: EDUFRGS. 352 p. 2007.